

Lisboa em 1514

O relato de Jan Taccoen van Zillebeke

Eddy Stols

Jorge Fonseca

Stijn Manhaeghe



Título desta edição: *Lisboa em 1514. O Relato de Jan Taccoen Van Zillebeke*

Coordenação: Jorge Fonseca

Autores: Eddy Stols, Jorge Fonseca e Stijn Manhaeghe

Coleção: *Cadernos de Cultura* – n.º 8 (2.ª série)

Coleção coordenada por João Luís Lisboa e Luís Manuel A. V. Bernardo

Referee: António Borges Coelho

Revisão do texto: Maria do Rosário Pimentel e Maria do Rosário Monteiro

Capa: Edições Húmus, a partir de layout de Gonçalo Gomes

Foto da capa: Ribeira de Lisboa no século XVI (gravura pertencente à Sociedade de Geografia de Lisboa, a quem se agradece a autorização de publicação).

Editor: Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa

© Jorge Fonseca, Eddy Stols, Stijn Manhaeghe e Centro de História da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014

Edições Húmus, Lda., 2014

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

1.ª edição: Dezembro de 2014

Depósito legal n.º 390150/14

ISBN: 978-989-755-099-7

Correspondência relativa a colaboração de permutas e oferta de publicações deve ser dirigida a:

Centro de História da Cultura – UNL, Av. de Berna, 26 C – 1069-061 LISBOA

Fax: 217 939 228 E-mail: chc@fcsh.unl.pt

Para referência de números anteriores consultar: www.fcsh.unl.pt/chc

Publicação subsidiada ao abrigo do projecto PEst-OE/HIS/UIOOIS/2011 da FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Lisboa em 1514

O relato de Jan Taccoen van Zillebeke

Coordenação

Jorge Fonseca

Autores

Eddy Stols

Jorge Fonseca

Stijn Manhaeghe

INTRODUÇÃO

Jorge Fonseca

Este livro pretende divulgar uma descrição da cidade de Lisboa do tempo de D. Manuel I praticamente desconhecida, por existir em manuscrito na Biblioteca Municipal de Douai (França) e ter sido apenas objeto de transcrição e estudo em teses que se conservam em exemplares policopiados. Trata-se de um texto originalmente de doze páginas, que é parte da relação da viagem empreendida, em 1514, pelo nobre flamengo Jan Taccoen, senhor de Zillebeke, a Jerusalém, com paragem em Lisboa durante nove dias.

O impacto que a animação e o exotismo da cidade do Tejo causaram no visitante nórdico levou-o a incluir no seu relato comentários reveladores da visão que a maioria dos europeus devia ter de Portugal, um país de transição entre o mundo considerado civilizado e a barbárie, nele representada por *estranhos animais e gentes*. E também a referir características da urbe e aspetos do seu quotidiano que fazem deste documento mais um testemunho valioso sobre a Lisboa manuelina.

Para o necessário enquadramento histórico do texto (que se publica na versão original, em francês da época, e na tradução para português) foi possível contar com a participação do Professor Eddy Stols, da Universidade de Lovaina, e historiador da diáspora flamenga, nomeadamente para Portugal e o Brasil, e também de Stijn Manhaeghe, um dos investigadores que tiveram o mérito de estudar e transcrever esse importante códice quinhentista. Aos dois, pelo interesse e empenhamento que demonstraram na concretização deste livro, deixo aqui o meu obrigado. Ao segundo, agradeço também a ajuda na tradução do texto original. E também ao Professor João Luís Lisboa, Diretor do Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, e à Professora Maria do Rosário Pimentel, do Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da mesma universidade, quero expressar o meu reconhecimento pelo apoio que deram a esta publicação.

LISBOA: UM PORTAL DO MUNDO PARA A NAÇÃO FLAMENGA

Eddy Stols*

Lisboa despontou no final da Idade Média como um dos primeiros e principais polos de atração dos migrantes flamengos e manteve esta posição de destaque ao longo da Idade Moderna, somente ultrapassada por Sevilha no final do século XVI ou mais tarde por Cádiz. Durante este período outros núcleos flamengos se formaram na Península Ibérica, no Porto e em Viana do Castelo, em Sanlúcar de Barrameda, Valladolid e sobretudo em Madrid, no século XVII, sem esquecer, na Itália, em Bolonha, Veneza, Roma, Livorno e Nápoles e, na França, em Rouen, Nantes e, cada vez mais, em Paris^[1]. No total estas migrações podem ter alcançado pelo menos vários milhares.

Mesmo assim, elas ficaram na sombra do terrível êxodo durante os distúrbios religiosos a partir do Iconoclasmo de 1566 e depois da reconquista de Antuérpia por Alexandre Farnese em 1585, estimado globalmente em cerca de 150.000 pessoas. Saíram de várias cidades do condado da Flandres, de Lille, Bruges, Gand, mas principalmente de Antuérpia, que perdeu quase metade da sua população. Esta diáspora de cunho religioso ou político assentou principalmente em Londres, Hamburgo e Francforte, e sobretudo em Amesterdão, Middelburgo, Roterdão, Dordrecht, Delft, Haarlem e Leiden. Nestas cidades holandesas os imigrantes teriam constituído de 15 até 30% dos habitantes. Foi sem dúvida uma catástrofe demográfica, que, junto com a exclusão dos Flamengos do monopólio colonial ibérico e o bloqueio do rio Escalda pelos Holandeses, teria provocado a decadência irreversível de Antuérpia e de todos os Países Baixos meridionais e, ao mesmo tempo, o triunfo de Amesterdão e das Províncias Unidas.

Quase toda a historiografia, tanto nacional como internacional, se fixou nesta doxa e vulgata, ainda presente em muitas obras recentes^[2]. Desta maneira continuam a ignorar-se o regresso de muitos fugitivos, a reemigração de outros, a partida de Flamengos católicos para a próspera e mais tranquila Europa meridional e a reconstituição de redes familiares e de conterrâneos bem mais extensas do que antes de 1585. Estes *networks*, menos custosos

* Queria agradecer à Fundação Calouste Gulbenkian, que me concedeu repetidas bolsas entre 1966 e 1975 para pesquisas nos arquivos portugueses, ao professor emérito António Dias Farinha, que por duas vezes me convidou para dar conferências, e a Jorge Fonseca, o anfitrião desta publicação.

e mais flexíveis que as grandes companhias holandesas, corresponderam à reconversão de uma economia mais multipolar do que concentrada numa única metrópole predominante. Facilitaram a recuperação bastante rápida de Antuérpia e de outras cidades dos Países Baixos meridionais ou espanhóis graças aos *rich trades* de tecidos de luxo, rendas, joias, pinturas, tapeçarias, livros, instrumentos musicais, armas e a uma florescente atividade artesanal quase pré-industrial, que se transformaria, no início do século XIX, na primeira revolução industrial do continente europeu. Aliás, alguns historiadores holandeses relativizaram o impulso decisivo desta imigração dos Países Baixos meridionais e insistiram mais no dinamismo próprio de Amesterdão e dos outros portos holandeses, anterior à crise de Antuérpia e baseado na sua especialização no comércio e transporte de trigo, de alimentos e de outras cargas de vulto, como madeiras e equipamento náutico^[3].

Detrás desta visão simplificadora sobre a queda de Antuérpia e a decadência dos Países Baixos espanhóis escondem-se resquícios de uma *leyenda negra* hispânica muito enraizada e tenaz na historiografia belga^[4]. Esta reforçou-se ainda na sua vertente e herdeira nacionalista flamenga atual, que, ao serviço de uma política e engenharia social de exclusão xenófoba, projeta no passado conceitos decimonónicos de fronteiras, de identidades nacionais e de passaportes^[5]. Reduz aliás o termo Flamengo a um conceito restrito ao idioma, em flagrante contradição com o seu significado durante a Época Moderna, quando se referia aos habitantes dos Países Baixos *lato sensu*, incluindo não somente toda a Bélgica e os Países Baixos ou Holanda atuais como também a Flandres francesa, o Artois, o Luxemburgo e as regiões fronteiriças com a Alemanha e se confundia até com Hanseáticos e outros Alemães. Estes Flamengos falavam vários dialetos neerlandeses, walão ou francês, e *platt-deutsch* ou o baixo-alemão e eram frequentemente bi ou até trilingues. Compreende-se que, com os seus traços físicos nórdicos, no mundo ibérico passassem às vezes por Alemães ou Franceses. Muitos podiam ler ou até escrever o italiano, o português e o espanhol, sem esquecer o latim.

Em geral, o olhar ensimesmado desta historiografia *flamenguizante* acomoda-se mal à migração como um fenómeno antigo e quase natural e afinal um direito humano fundamental. Mesmo que os seus historiadores não possam nem queiram imaginar a normalidade de tantas passagens de fronteiras e de nacionalidades acumuladas e ainda menos de mestiçagens, estas experiências individuais ou de pequenos grupos valorizaram-se entrementes dentro de um novo enfoque historiográfico das viagens e das migrações^[6]. Estes percursos devem também desvincular-se de uma história nacionalista da expansão e inserir-se numa história atlântica mais ampla, da qual Frédéric Mauro foi um dos pioneiros e que encontra um notável *revival* na historiografia dos últimos decénios^[7]. Se bem que minoritários, estes migrantes sedimentaram vínculos de transmissão cultural muito férteis e de longa repercussão^[8]. Além disso oferecem antecedentes interessantes para o debate muito atual sobre a conveniência e os limites do multiculturalismo nas

grandes metrópoles. A contribuição dos estrangeiros portugueses, espanhóis e italianos para a prosperidade das duas grandes cidades flamengas, Bruges e Antuérpia continua subestimada, se bem que já em 1925, no Pós-Guerra Mundial, o audacioso Jan A. Goris tenha demonstrado a urgência do tema^[9].

Precisamente nestas diferentes óticas os Flamengos de Lisboa, quer façam formalmente parte ou não da Nação Flamenga, merecem alguma reconsideração. Esta atualização, sem desmerecer de obras pioneiras como a do barão de Reiffenberg, de Emile Vanden Bussche, de Eduardo Brazão ou de Pierre Goemaere, deveria orientar-se algo mais para a sua riqueza simplesmente humana do que para a sua força política, religiosa ou económica e o seu prestígio expansionista^[10]. Tanto mais que esta presença flamenga em Lisboa se distinguia dos outros grupos de estrangeiros na capital portuguesa como também das nações flamengas na Itália ou na França pela sua longevidade e pela sua heterogeneidade social. As mais diversas motivações, religiosas, dinásticas, familiares, sociais e económicas, de prestígio, de curiosidade ou de simples vagabundagem levavam os Flamengos rumo a Lisboa^[11].

Cruzadas e peregrinações

A normalidade da índole e prática migratória de quase toda a Humanidade manifestava-se talvez de modo mais evidente nas peregrinações, também inerentes à Religião Católica dos Países Baixos, seja armadas e violentas em forma de cruzadas seja mais pacíficas. Se Portugal, ao contrário dos outros países europeus, não tinha, pelo menos antes de Fátima, um centro de peregrinação de projeção internacional – em si um facto notável – Lisboa encontrava-se na rota dos peregrinos, tanto como escala alternativa a Veneza para Jerusalém como pela sua proximidade de Santiago de Compostela e de Guadalupe. Depois de alguns Flamengos terem participado da tomada de Lisboa em 1147, a cidade destacou-se mais vezes como escala das frotas de cruzados para a Terra Santa ou para a reconquista na África do Norte. Teria sido o caso em 1177 do conde da Flandres, Filipe da Alsácia, cruzado por três vezes e aliás casado em 1184 com a filha de Afonso Henriques, Teresa ou Matilde. Neste contexto a sua visita a Lisboa ficou registada numa crónica bem posterior, talvez mais uma façanha imaginária como em outros escritos medievais, mas que em si prova a notoriedade desta cidade^[12].

O espírito de cruzada não desapareceu logo. Os irmãos da Capela ou vanden Capelle e seus 20 homens de guerra, que participaram na conquista de Ceuta, devem ter passado por Lisboa^[13]. A expedição para Rodes em 1441 e outra em 1443 fizeram escala em Lisboa, ainda mais porque dependiam de barcos e marinheiros portugueses na sua frota^[14]. Depois da queda de Constantinopla, Antoine de Payage da *Chambre des Comptes* passou por Portugal na sua cruzada em 1457. Depois do seu regresso a Bruges, o infracitado

mercador flamengo Martin Leme armou em 1471 uma urca destinada à conquista de Tânger e Arzila, capitaneada pelo seu filho António^[15]. Quem sabe se Leme também interveio na encomenda e na produção da famosa série de tapeçarias da Conquista de Arzila, patrocinada por D. Afonso V durante a sua enigmática permanência em Arras, em 1477 e recentemente restaurada^[16]. Esta promoveu pelo menos a iniciação visual e imaginária dos cartonistas e tecelões flamengos às conquistas portuguesas de Marrocos, que se prolongariam com os feitos da Índia oriental em numerosas outras tapeçarias do século XVI à maneira de Portugal e da Índia.

Esta mistura imaginária, algo confusa, entre Portugal, Lisboa, Jerusalém e as Índias encontrou-se também em manuscritos, como numa curiosa relação contemporânea de Jean Aerts^[17]. Este clérigo de Malinas integrou-se numa embaixada do *grande feitor* de Portugal a Jerusalém, que, com mais dez nobres, visitou o Egito, a Arábia, a Índia e, na sua costa oriental, talvez Meliapor, perto de Madras. Na volta a Lisboa, em 1484, foi acolhida pelo rei ainda em pleno mar e com salvas de canhão e depois recebida nos cais em Lisboa pelo clero com cruz e bandeiras e por gente de todas condições. Foi cantado *Te Deum* na igreja e muitos choraram por verem de volta os seus compatriotas. Outros peregrinos flamengos como os Adorno e Joos van Ghistele relataram também a sua viagem a Jerusalém, sem entretanto passarem por Lisboa^[18].

Nestas viagens os peregrinos passaram às vezes por Santiago de Compostela, que gozava de um grande atrativo na Flandres^[19]. Nos anos santos como em 1473 alguns duzentos peregrinos podiam encher um navio^[20]. O mercador flamengo Eustache Delafosse, que, preso na Guiné pelos Portugueses, conseguiu escapar da prisão em Lisboa, foi agradecer em 1481 a sua boa sorte a Nossa Senhora de Guadalupe. Neste caminho encontrou-se com outro brugense e acompanhou-o a Santiago^[21]. A sua relação foi copiada e circulou ainda no século XVI. A voga desta devoção viatória levou um armador de Antuérpia, Dirk van Paschen, aliás Theodoricus Paesschen, a organizar por volta de 1500 a 1511 algo como um serviço regular passando por Lisboa^[22]. O seu barco *Salvator //* foi até pintado e gravado.

Efetivamente o prestígio de Compostela perdurou ainda ao longo do século XVI apesar das críticas do humanista Erasmus e dos protestantes holandeses contra esta devoção perdulária^[23]. A famosa rota jacobea, que tinha primeiro aberto um novo mercado para pinturas e esculturas flamengas no norte da Península Ibérica e conjuntamente também em Portugal, ganhou por sua vez uma nova visibilidade e respeitabilidade na pintura quinhentista flamenga de paisagens^[24]. Construídas em torno de figuras andantes como o peregrino a Santiago de Compostela ou sobretudo São Cristóvão, as pinturas de Joachim Patinir, Herri met de Bles e outros seduziam pela variedade e beleza da *naturalia*, de montanhas, rochedos e bosques, de rios e desembocaduras num mar cheio de navios, que não somente se encontravam no caminho dos Alpes e da Itália,

mas também na rota de Compostela e seu prolongamento em Portugal. Um quadro anónimo, mas atribuído a Jan van Amstel, apresenta no meio de uma desembocadura de rio – parece quase o Tejo – um São Cristóvão gigante carregando um globo, tendo em evidência os continentes recentemente descobertos pelos navegadores portugueses, a costa da África oriental e o Sudeste asiático, encimado com um Menino Jesus^[25]. Assim, as peregrinações não desapareceram, mesmo que as de longa distância tenham sido substituídas por novos centros a curta distância, como Scherpenheuvel. Ainda em 1550 três peregrinos a Santiago de Compostela, Olivier Haeck de Courtrai, Niklaas Symonsz Vacht e Lodewijk Joossen de Middelburgo passaram por Lisboa^[26].

Lisboa é corte

A supracitada participação flamenga nas cruzadas e peregrinações sustentava novas relações dinásticas e nobiliárquicas e viagens entre a Flandres e Portugal. A visita de D. Pedro, filho de D. João I, à corte da Borgonha abriu o caminho a um novo casamento de Filipe, o Bom com a sua irmã Isabel. Uma embaixada flamenga, composta por três nobres e um letrado, pelo pintor Jan van Eyck e mais outros nobres e servidores, partiu a solicitar a mão da princesa e negociar as modalidades desta união^[27]. Embarcaram em galeras venezianas, fizeram escala em portos ingleses, de onde, numa navegação de quinze dias, chegaram em 16 de dezembro de 1428 a Cascais e, depois de uma curta estadia em Lisboa, seguiram para a corte em Estremoz. Esperando a resposta, a delegação fez a peregrinação a Santiago de Compostela. Em 23 de julho de 1429 redigiu-se o tratado, com uma impressionante dotação e em 8 de outubro uma frota, levando a princesa e seu irmão D. Fernando com uma grande comitiva, saiu de Lisboa para chegar, depois de uma longa viagem, no dia de Natal de 1429. Há notícias de outras embaixadas e viagens, como em 1416, de Pere Vidal junto do rei D. João I, de Baudouin de Lannoy em 1428-1429, que foi também a Santiago, de Jean, bastardo de Caumont em 1457, de Guillaume de Pigne em 1461, de Jehan de Rubempré, Gillequin Spillaert e Juste Baldin em 1472-1473^[28].

Alguns ficaram ao serviço do rei português, como Jean de Sainte-Aldegonde, aliás Quimera, *poursuivant* de D. Afonso V^[29]. Como um embaixador informal da cultura borgonhesa na Península ibérica figurou o cavaleiro andante Jacques de Lalaing, que por volta de 1447 visitou a corte portuguesa^[30]. Acolhido faustosamente por nobres portugueses em Abugal, provavelmente Sabugal, foi levado a Évora para se encontrar com o rei D. Afonso V e seu tio D. Pedro. Uma festa com banquete, uma dança com a rainha e um convite para participar numa caçada selaram a aliança firme de Portugal com a Borgonha. Entretanto, se ficou alguns quinze dias na corte, não foi mencionada uma passagem por Lisboa. Entre 1486 e 1494 novas negociações e embaixadas se seguiram para preparar casamentos entre os príncipes borgonheses e peninsulares^[31].

A própria corte da Borgonha dava exemplo da maior mobilidade, se bem que Filipe, o Formoso tenha resistido a fazer a viagem à Espanha em janeiro de 1502^[32]. Talvez um dos motivos fosse a dificuldade em garantir na Península a magnificência em torneios e banquetes, e em roupas sumptuosas, que não queria dispensar. Assim, levou consigo o seu *hôtel* ou a sua corte de 367 pessoas e mais 45 *archers de corps*, arqueiros de guarda. A sua capela musical comportava mais de uma dúzia de performantes. Na segunda viagem de 1506, como novo rei de Espanha, a sua casa era constituída por 447 acompanhantes e mais 89 arqueiros. Andava, além disso, acompanhado de um séquito impressionante de cavaleiros e soldados, mais de 2000, incluindo flamengos, alemães, castelhanos e galegos, que roubavam galinhas entre os camponeses. Depois do desembarque na Corunha, foi a Santiago e encontrou-se em junho com o sogro, Fernando, perto de Portugal, em Remesal. Se naquela altura o parentesco com os Aviz tinha pouca ou nenhuma visibilidade nas entradas e festas de Filipe, apesar deste ter uma bisavô, uma avó e um cunhado desta Casa, os elos com esta evidenciaram-se nas armas e nas imagens a partir do casamento de Isabel com o imperador Carlos V e da irmã deste, Catarina, com D. João III. A vinda desta em 1525 trouxe mais Flamengos do que a da irmã Leonor, última esposa de D. Manuel, em 1517, como em 1553-1554 um Cornelio Lizarte, *confeiteiro flamengo*, e mais tarde, nos processos da Inquisição, apareceram de vez em quando pagens ou servidores flamengos como Rodrigo, servidor de um fidalgo em 1556, Henrique na casa do Escrivão da Fazenda Álvaro Pires em 1558 ou João com o desembargador Jorge Lopes em 1578^[33].

Mesmo assim, bem antes disso a corte portuguesa deixou-se influenciar pela moda da Borgonha. D. João II vestia à flamenga, como também o infante D. Luís, com o seu cavalo de brida ricamente guarnecida e até os sapatos eram de veludo feitos à flamenga, com ricas guarnições de ouro esmaltadas^[34]. Outro adepto do luxo flamengo foi o duque de Bragança, D. Teodósio I, que comprou uma grande variedade de artigos flamengos, desde armaduras e cadeiras a peças de prata, chapéus e peles de martas^[35].

Artesãos e artistas flamengos

As encomendas e compras frequentes diretamente na Flandres podem ter diminuído como também estimulado as oportunidades em Portugal para artesãos e artistas flamengos. Particularmente as modas de pelitaria e de ourivesaria atraíam gente destes ofícios. Assim os processos da Inquisição revelaram um João Pequeno, aliás Hans Lepetit, nascido em Antuérpia por volta de 1530, que desde 1548 vinha regularmente a Portugal por três a quatro meses e tinha loja e ateliê na casa de Jorge Fernandes, peliteiro do Cardeal, ao Calçado Velho e talvez também flamengo, e mais o irmão de Hans, Erasmo^[36]. Mencionaram-se ainda Pedro Gonzalez e seu criado Baltasar Framengo em 1550-1560.

A ourivesaria mereceria um estudo aprofundado, levando em conta os infracitados comerciantes de joias e lapidários flamengos^[37].

Na representação e afirmação do poder as tapeçarias flamengas revelaram-se o instrumento predileto, ainda mais porque podiam viajar e acompanhar a corte. Os reis portugueses e a alta nobreza revelaram-se excelentes fregueses, particularmente para as tapeçarias de Tournai sobre temas inspirados pelas conquistas portuguesas, *à manière de Portugal et de Indie*^[38]. D. Manuel fez em 1510 uma grande encomenda. A compra, o transporte, a receção, a conservação e o eventual restauro ulterior implicavam a intervenção de mercadores e de tapeceiros. Lisboa teria tido três oficinas e conhecem-se os nomes de pelo menos dois flamengos, por volta de 1550, Daniel Gris, de Bruxelas, e mais tarde Herman Vermeren, ao serviço do Arquiduque Alberto de Áustria, mas também ativo como armador no comércio colonial. Além das tapeçarias, encomendavam-se pinturas, esculturas e livros de horas junto de artistas na Flandres, como o ateliê de Gerard David ou Quentin Metsys ou aos produtores de *poupées de Malines*^[39]. Este comércio tomou um vulto importante e não ficou atrás do que se desenvolveu com a Espanha.

Aumentou ainda ao longo do século XVII, particularmente com milhares de pinturas, estampas e imagens e bastante tapeçarias, negociadas pelas mãos de Andres de Sainctes, Francisco Wallis, Paul van Gijsenrode, o Jovem, aliás Guizenrode, Jean Boussemart, Jacome Van Praet, Henrique de Moor, Jacob Guyot, Justo Forchoudt e Gaspar Gerardo Pilaer, correspondentes ou agentes das principais firmas especializadas de Antuérpia, Guillermo Forchoudt e o tapeceiro Cornelis de Wael^[40]. Dois comerciantes deste ramo, os irmãos Peter e Antoon Goetkint pretendiam em 1624 que vendiam bem melhor pinturas em Lisboa do que em Sevilha. Na mesma época, Pedro Clarisse, mais um generalista, pelo contrário preferia livrar-se desta mercadoria que somente trazia *infâmia e ainda sem lucro*. Efetivamente, surgiam peculiaridades como em 1699, quando se deviam trocar pinturas contra açúcar e tabaco e fazer gastos suplementares para, por ordem da Inquisição, cobrir os pés nus com pintura.

Tudo isto se repercutiu certamente não somente no prestígio dos intermediários flamengos de Lisboa, mas também na vinda dos próprios artistas^[41]. Por volta de 1500 surgiu uma pequena primeira onda com os escultores Olivier de Gand e Jean d'Ypres, ativos principalmente em Coimbra e Tomar, e o pintor Francisco Henriques. Este, casado com uma irmã de Jorge Afonso, residiu em Lisboa, mas trabalhou para Évora. Fez uma curta viagem à Flandres, de ida e volta em 1512, mas em 1518, sobrecarregado com encomendas para fazer as bandeiras da entrada da rainha D. Leonor e para as pinturas do Tribunal da Relação de Lisboa, mandou vir mais oficiais da sua terra. Pouco depois, Henriques, junto com sete ou oito deles e os seus escravos, morreram quase todos da peste^[42]. Quem escapou foi António III Keldermans de uma família de artistas de Malinas. Por volta de 1517 tinha ido a Portugal, onde procriou com Maria Alvers três filhos ilegí-

timos, Matheus, Barbele e Isabel. Em seguida foi trabalhar na catedral de Salamanca. De regresso a Malinas resolveu, em 1530, reconhecer no seu testamento estes filhos sob a tutela da mãe com o nome aporuguesado de Caldeira^[43]. Pouco se sabe da biografia de outro pintor flamengo, Frei Carlos, professado na Ordem dos Jerónimos no Convento do Espinheiro e ainda ativo em 1518.

Meio século depois surgiu um segundo afluxo de pintores flamengos, dos quais Anthonis Mor se tornou o mais conhecido^[44]. Chegou em 1552, ficou alguns nove meses e fundou um ateliê. Neste trabalhou Christoffel van Utrecht, que pintou temas históricos e miniaturas e recebeu de D. João III a Ordem do Cristo. Joris van der Staeten foi ativo de 1552 a 1560. No seu ateliê ou no de um pintor português permaneceu nove meses, em 1558, Simon Pereyngs, originário de Antuérpia, que seguiu depois para Toledo e mais tarde, em 1566, para o México. Lá se tornou um pintor muito solicitado ao ponto de provocar a inveja de outro pintor que o denunciou à Inquisição pelas suas afirmações heréticas^[45]. Ter-se-ia vangloriado de que seu pai numa carta o felicitara por não pintar nenhum santo, mas apenas retratos. No registo fiscal de 1565 figuraram três artistas flamengos, o pintor Jacques de Lerbo e os supracitados tapeceiro Daniel Gris e Cristóvão de Utreque. Lerbo, Clermo ou Claerbout, nascido em Antuérpia por volta de 1520, casado com a flamenga Catarina Bazeler, tinha sido aprendiz de um pintor flamengo, Simon, em Le Mans, na França e residia em 1557 em Lisboa, aos Cubertos, ao passo que Utreque, mencionado como restaurador, residente na freguesia de Santa Justa, foi talvez, segundo Fernando António Baptista Pereira, o autor dos Santos Mártires de Lisboa, conservados em Ponta Delgada^[46]. Outros nomes são Joam Flores, morador a Cataquefarás, e Roque Hans, ao Poço do Chão, em 1549-1558, Rodrigo de Riene, em 1555-1558, e Francisco de Campos, pintor de brutesco e também ativo em Évora, os escultores Francisco de Haste em 1557 e Estácio Matias, ativo por volta de 1575 no Convento de São Bento da Saúde^[47]. Seria um deles o autor das recém-redescobertas pinturas com negros nas praças e ruas de Lisboa?

Notamos ainda a presença de vidreiros como, por volta de 1490-1520, o flamengo ou alemão Mestre Conrate, seu genro flamengo Willem Belles ou Mestre Guilherme e Mestre João, ativos na Batalha, em Coimbra e Évora, e, por volta de 1550, nos processos da Inquisição, um Nicolas ou Claus, *pintor de vidros* ou ainda, no século XVII, Gualtieri Fiamminho e o filho Jean-Baptiste^[48]. Os azulejos de majólica de estilo italo-flamengo de Antuérpia nas quintas da Bacalhoa e das Torres em Azeitão e a encomenda de quase mil azulejos por volta de 1558 para o Paço Ducal de Vila Viçosa provinham provavelmente dos discípulos de Guido de Savino, seu filho Francisco Andrea e Juan Flores. Estes estiveram respetivamente em Sevilha e Talavera de la Reina, mas podem ter passado por Lisboa, onde em 1565 se mencionaram três oleiros flamengos, talvez Jan Bogaert e Franchois Frans^[49]. Sem dúvida, Lisboa comparava-se então, quanto à concentração de artistas